



Ministério da Saúde  
Fundação Oswaldo Cruz  
Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca  
Departamento Direitos Humanos, Saúde e Diversidade Cultural



**Curso de Especialização em Direitos Humanos e Saúde (2022)**  
**Módulo: Construção do SUS – a expressão de um desejo**  
**Professores: Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos e Rosangela Gaze**  
**Especializanda: Joelma Gomes Pereira**

### **É preciso acreditar que se muito vale o que já foi feito, mais vale ainda o que será**

O artigo “Ódio e Nojo”, publicado na Coluna Opinião do site Multiplicadores de Vigilância em Saúde do Trabalhador, em 05 de julho de 2022, é de autoria do jornalista Isaiás Dilmário do Conde, de quem além da profissão, nada mais encontrei que pudesse descrevê-lo melhor. Porém, embora falte dados sobre sua formação ou trabalho, através de sua escrita, arrisco-me a dizer que se trata de alguém com sensibilidade crítica que, por meio de uma linguagem quase poética, nos lembra que outros outubros virão, e com eles, sempre há de surgir o nosso grito para a mudança. Ao nos levar aos versos da canção de Milton Nascimento e Fernando Brant – *O que foi feito deveria* – o autor, de fato nos remete ao cenário dos meses de outubro no Brasil atual. Apesar de um cenário por vezes desalentador, assim como na letra da música, é preciso acreditar que se muito vale o que já foi feito, mais vale ainda o que será.

Invocando trechos do histórico discurso de Ulisses Guimarães, quando da promulgação da Constituição Federal em 1988, Conde nos lembra o quanto os sentimentos de ódio e nojo são primordiais para nos impulsionar na busca das mudanças que precisam ser feitas. E foi aqui, já no título, que o texto chamou minha atenção uma vez que, para a psicologia e psicanálise – ferramentas com as quais trabalho e leio o mundo –, “ódio e nojo” são sentimentos de proteção da nossa vida física e psíquica. São sentimentos primitivos que garantem a sobrevivência dos seres mais indefesos e que possibilitam a formação de indivíduos psicologicamente saudáveis.

Pode parecer confuso a princípio, pois, a grande maioria das pessoas acredita que é o amor, a docilidade que garante a vida de um bebê, e de fato, sim, isso também se faz necessário, principalmente se pensamos na necessidade de sermos cuidados pelo outro. Para a psicanálise, poderíamos falar em pulsão de vida e pulsão de morte, porém, de forma resumida, o que trará um desenvolvimento saudável a qualquer ser humano, é sobretudo, colocar seu desejo, sua

raiva, seu incômodo no mundo. É ter “raiva” de quando estiver sozinho, com frio, sono ou com fome, e expressar isso ao seu cuidador. É ter “nojo”, ou seja, rejeitar um alimento estragado, um colo molhado, enfim, é movido por esses sentimentos que buscamos mudar nosso mundo, nosso lugar, desde cedo. Um bebê que não “reclama”, que não exige cuidados, se torna um sujeito sem raiva, sem indignação, sem potência para buscar transformações. Sem sentir raiva, ódio, ou nojo, não aprendemos a dizer não, a dar basta aos excessos.

Acostumado aos maus-tratos, torna-se frágil, doente, impotente, e, portanto, dominado por aqueles que bem cuidados foram, sabem dizer não, têm força demais e, portanto, conseguem colocar seu ódio no mundo. Os ditadores são assim. Os fascistas na sua grande maioria, tiveram suas necessidades atendidas, puderam colocar e colocam suas vontades no mundo, como a única, verdadeira e soberana forma de vida. Onde tudo que os incomoda deve ser transformado, apagado, tudo somente rosa e azul, cada “classe” no seu lugar. Lugar de preto, lugar de mulher, lugar de gordo, lugar de bandido, etc., etc., enfim, não importa o quanto esses lugares sejam sofríveis, indignos e injustos. Essa é a ordem! E com muito ódio a tudo que tenta se transformar, vão dominando aqueles que não colocam seu nojo, sua repulsa e indignação no mundo. Assim, eles seguem progredindo.

Voltando ao discurso de Ulisses, para conseguirmos ter ódio e nojo da ditadura, e antes de podermos amaldiçoar a tirania onde quer que ela desgrace homens e nações, é necessário criar cidadãos. Digo mais, cidadãos, potentes, conscientes de seus direitos, capazes de conhecer e reconhecer que ser maltratado, negligenciado e roubado pelo poder público não é sina ou maldição. É preciso que esses cidadãos sejam capazes de conhecer e reconhecer suas necessidades de educação, saúde, moradia digna, como direitos e não como favores. Desse modo, e só desse modo, poderemos odiar a negligência, a diferença com que negros e periféricos são tratados. É só quando estivermos enojados da corrupção que mata pessoas por falta de oxigênio em hospitais, e que soubermos ler os interesses que estão por trás de leis que facilitam o acesso de armas a crianças de oito anos que matam por acidente, ou ainda, quando nos enojarmos com orçamentos secretos, e tantas outras comidas estragadas que nos são servidas diariamente, é que poderemos nos alegrar com a proximidade de novos outubros.

Trazer conhecimento, empoderar as pessoas sobre uma vida melhor, mais saudável, por meio da consciência de quem são e o que podem fazer à medida que rejeitarem, que se indignarem e odiarem, não a pessoas, mas um funcionamento perverso que rouba sua dignidade é o que pretendo fazer. Sou Psicóloga de formação, e não acredito em uma clínica, um cuidado do sujeito, que esteja alienado ao mundo que o cerca.

Por último, me lembrei agora, que outubro também é o mês do meu destino, pois, assim como Ulisses, é o mês do meu nascimento. E sobre ele, me lembro da minha avó (que nem escrever sabia) chorando sua morte, pois ela o adorava. Hoje, eu diria que ele era o seu *crush*, pois fisicamente lembrava demais o meu avô, falecido dois anos antes. Acho que essas também foram razões pelas quais escolhi esse texto.

“**Ódio e Nojo**” - Leia o texto completo [aqui](#)